

Interação polêmica nos comentários da página do facebook “Quebrando o Tabu”

*Polemic interaction in the
facebook page comments
“Quebrando o Tabu”*

Danielle Ketley de Sousa PEREIRA (UNILAB)
daanielleketley@gmail.com

Mariza Angélica Paiva BRITO (UNILAB)
marizabrito02@gmail.com

Recebido em: 25 de mar. de 2020.
Aceito em: 23 de abr. de 2020.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa;
BRITO, Mariza Angélica Paiva.
Interação polêmica nos comentários
da página do facebook “Quebrando o
Tabu”. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10,
n. 2, e1849, p. 1-22, maio-ago/2020.
DOI: 10.22168/2237-6321-21849.

Resumo: Neste artigo, abordamos reflexões surgidas das discussões empreendidas no Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT/UNILAB). É possível analisar, por meio dos critérios de análise da Linguística Textual, os aspectos argumentativos nos textos, conforme foi proposto por Cavalcante (2016) e defendido por Macedo (2018), com o respaldo teórico da análise da argumentação nos discursos, de Amossy (2008, 2017). Partindo desse referencial, temos como propósito investigar como as marcas textuais contribuem para a construção da argumentação e da interação polêmica nos comentários. O exemplário da análise compõe-se de alguns dos comentários gerados a partir de dois posts sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, na página *Quebrando o Tabu*, no Facebook. As análises focalizam a dissensão na Web, com base nas três características da polêmica e na estrutura actancial, segundo Amossy (2017). Nesse sentido, adotaremos como aporte teórico, além das autoras supracitadas, as contribuições de Cavalcante, Pinto e Brito (2018), Macedo e Cavalcante (2019) e Maia (2019), bem como estabeleceremos um diálogo entre a

Linguística Textual e a Teoria da Argumentação no Discurso, de Amossy (2005, 2011, 2018), com o intuito de colaborar para uma análise da argumentação pautada em parâmetros de textualidade. Partimos da hipótese, elaborada por Amossy, de que a polêmica no espaço público apresenta três características: a dicotomização, a polarização e a tentativa de desqualificação do outro, e demonstramos como elas se apresentam nos exemplos analisados. Nossa análise nos leva ao resultado de que as escolhas por determinadas marcas textuais têm caráter argumentativo e corroboram para o embate.

Palavras-Chave: Linguística Textual. Interação Polêmica. Marcas Textuais.

Abstract: In this article, we address reflections arising from the discussions undertaken in the Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT/UNILAB), which aligns with the investigations of the PROTEXTO Research Group (UFC). It is possible to analyze, through the criteria of analysis of Textual Linguistics, the argumentative aspects in the texts, as proposed by Cavalcante (2016) and defended by Macedo (2018), with the theoretical support of the argumentation analysis in the discourses, of Amossy (2008, 2017). Based on this reference, our purpose is to investigate how textual marks contribute to the construction of argumentation and polemic interaction in comments. The thus analysis sample consists of a set of comments generated from two posts about the Women's Soccer World Cup 2019, on the page *Quebrando o Tabu*, on the social network *Facebook*. The analyzes focus on dissent on the Web, based on the three characteristics of the polemic and actantial structure, according to Amossy (2017). In this sense, we will adopt as theoretical contribution, besides the aforementioned authors, the contributions of Amossy (2008), Cavalcante, Pinto and Brito (2018), Macedo and Cavalcante (2019) and Maia (2019). We will also establish a dialogue between Textual Linguistics and Theory of Argumentation in Discourse, of Amossy (2005, 2011, 2018), in order to contribute to an analysis of argumentation based on parameters of textuality. We start from the hypothesis, developed by Amossy, that the controversy in the public space has three characteristics: the dichotomization, the polarization and the attempt to disqualify the other, and we demonstrate how they present themselves in the analyzed examples.

Keywords: Textual Linguistics. Polemic Interaction. Text Marks.

Introdução

O advento das diferentes tecnologias de informação e comunicação possibilitou às pessoas novas formas de relacionar-se socialmente. Nesse sentido, abriu novas possibilidades de interação e, para acompanhar essas transformações no âmbito das comunicações digitais, surgiram as plataformas das redes sociais, como o *Facebook*, que, desde o seu surgimento em 2004, tem mais de 2,32¹ bilhões de usuários no mundo, sendo o Brasil o terceiro país com o maior número de usuários, aproximadamente 130 milhões de brasileiros usam o *Facebook*. Assim, podemos comparar as redes sociais com as praças públicas do século XXI (AMOSSY, 2017).

¹ Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm>>. Acesso em: 15/07/2019.

Desse modo, a propagação das notícias acontece de forma muito mais rápida do que antes, e em questão de minutos uma informação tem inúmeros *views*², compartilhamentos e comentários. E toda esta ação humana de navegação pela internet envolve o uso da linguagem e é considerada como um espaço de práticas sociais. Na rede, os locutores se organizam a partir de valores partilhados socialmente, ou seja, a aproximação na esfera virtual transcorre diferente da vida real: os indivíduos se inserem nos grupos pelos interesses em comum e pelo posicionamento político-ideológico. Ademais, esse espaço de troca de mensagens, reação a *posts*³ é também o de manifestar-se, por conseguinte ocorre a dissensão de opiniões sobre questões polêmicas que colaboram para a instauração da polêmica pública.

Isto posto, o *Facebook*, na medida em que oferece um espaço aberto para expressão, desencadeia o embate entre opiniões antagônicas que propiciam interações polêmicas, desta forma a rede social é um ambiente profícuo para o nosso propósito investigativo de analisar como as marcas textuais contribuem para a construção da argumentação e da interação polêmica nos comentários. Nossas análises dedicam-se a dois *posts* divulgados, por ocasião da Copa do Mundo de Futebol Feminino, em junho de 2019. Analisamos um conjunto de comentários marcados como *mais relevantes* pelo *Facebook*, bem como as interações (percebidas como respostas aos comentários) que suscitaram. A página em questão é a **Quebrando o Tabu**, que apresenta o gatilho para a polêmica, uma vez que aborda questões polêmicas como o feminismo, o racismo, a violência e a política. Conforme dados da rede social, a página tem cerca de 10.991.561 seguidores, comprovados pelos números altos, segundo a métrica do *Facebook*, em engajamento (interações como curtida, comentários e compartilhamentos de um *post*), em virtude disso seus *posts* alcançam grande amplitude na rede, o que justifica nossa escolha pela página.

Portanto, para dar conta do nosso objetivo, o presente trabalho divide-se, além das considerações iniciais e finais, em três partes: na primeira, discorreremos a respeito do conceito de polêmica e do seu funcionamento no espaço democrático; na segunda, abordamos a Teoria da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2005, 2011, 2018); na terceira, apresentamos as análises dos comentários.

² Estamos tomando o termo *views* como visualizações.

³ O termo *post* está aqui usado como publicação.

A concepção de polêmica, segundo Amossy

Com a sua obra *Apologia da polêmica* (2017), Ruth Amossy objetiva desmistificar a noção de polêmica como algo puramente negativo, com o intuito de reapresentá-la como um objeto de estudo. A polêmica é uma modalidade argumentativa, ou seja, um fenômeno discursivo que contribui para uma sociedade democrática, evidenciando que, na aparente desordem da polêmica, é possível reconhecer um aspecto funcional que a enquadra, a regula e a põe a funcionar.

Nas palavras de Amossy (2017, p. 12, grifo da autora), “*a polêmica preenche funções sociais importantes, precisamente em razão do que é em geral criticado nela: uma gestão verbal do conflito realizado sob o modo da dissensão*”⁴. Nesse sentido, este fenômeno discursivo está inapelavelmente relacionado ao desacordo, ao debate entre opiniões antagônicas. À medida que progride nas discussões, a autora nos leva a refletir acerca da importância do dissenso no espaço público, uma vez que a esse fenômeno é atribuída uma má reputação, além disso é estigmatizado como avesso à democracia.

O termo polêmica utilizado no senso comum é consequentemente relacionado a conotações pejorativas, às quais as pessoas não querem ser associadas. No entanto, a pesquisadora da Universidade de Tel Aviv debruça-se sobre o estudo da polêmica no espaço público, cooperando para os avanços nas ciências da linguagem, em especial para a Análise do Discurso francesa contemporânea (doravante, AD), bem como para a Teoria da Argumentação no Discurso (doravante, TAD), (AMOSSY, 2005, 2011, 2018) proposta por Amossy como uma ramificação da AD.

Como exemplo da modalidade polêmica para explicitar sobre o seu funcionamento, Amossy (2017) se reporta a um dos episódios da discussão referida como a “exclusão das mulheres”, que aconteceu em Israel, no ano de 2011, quando uma mulher jovem chamada de Tanya Rosenblint, recusou-se a sentar na parte de trás do ônibus da linha 451, utilizado exclusivamente pelos ultraortodoxos. Embora fosse um transporte público, era feita uma divisão por gênero, onde as mulheres deveriam ocupar os assentos ao final do veículo com o intuito de que os homens não pudessem olhá-las. A atitude de Tanya Rosenblint de sentar na parte destinada aos homens e sua insistência de permanecer

⁴ O dissenso/ a dissensão para além do desacordo; é “uma profunda, até mesmo violenta, diferença de opiniões” (AMOSSY, 2017, p.18).

no assento, mesmo sendo solicitada pelos passageiros que se dirigisse ao final do ônibus, desencadeou uma polêmica pública sobre os costumes ultraortodoxos, como o espaço concedido às mulheres socialmente e conseqüentemente a questão polêmica sobre a igualdade de gêneros.

À semelhança de Cavalcante, Pinto e Brito (2018), assumimos neste trabalho a noção de polêmica pensada em contextos de conversação ordinária e que diz respeito à forma utilizada por determinado interlocutor para atacar o outro, de forma a proteger a sua face e defender seu território contra o ponto de vista “de um outro indivíduo”. Para as autoras, é no conjunto das interações polêmicas que circulam no espaço democrático que este fenômeno discursivo se constrói, ademais esta interação pode acontecer entre dois ou mais atores sociais que buscam, por meio da desqualificação, se sobressair em relação ao outro, para que este seja desconsiderado, ou ainda ridicularizado pelos demais.

Todavia, nem tudo que é dito como uma polêmica, de fato é polêmica, segundo os critérios constitutivos apresentados por Amossy (2017). A autora ressalta que é necessário que a polêmica aborde um assunto de interesse público para que ela não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares. Desse modo, pode, evidentemente, se desenvolver sobre a base de um assunto inicialmente privado, como no caso de Tanya Roseblit, mas é preciso que esse conflito assuma contorno público. No exemplo supracitado, o episódio ganhou destaque a partir de seu noticiamento pelas mídias, pondo em causa grandes ideologias, o que fez desencadear o posicionamento dos atores sociais em busca de adeptos.

Para Cavalcante (2017), a polêmica se constrói através de todas as interações públicas ou semipúblicas que tratam de uma questão social, e se manifesta na circulação dos discursos, via textos. Assim, a polêmica pública se cria a partir de um confronto interdiscursivo, todavia consideramos, como a autora, que é no texto que ela eclode. Cavalcante, vem desde 2016, desenvolvendo um profícuo estudo sobre a contribuição da Linguística Textual (doravante, LT) para a análise de aspectos argumentativos nos textos.

Elegemos o aspecto teórico ancorado na perspectiva discursiva retoricamente orientada de Amossy (2017), para sua descrição devido a associação feita pela pesquisadora do conceito de polêmica às práticas textuais-discursivas, uma vez que a exemplo de Cavalcante; Pinto; Brito (2018) interessa-nos trabalhar “com a materialidade da argumentação associada à polêmica em textos” (p. 08), a partir da interface entre a LT e a AD proposta por Macedo (2018). Esta interface admite a noção de gênero

como ponto de interseção entre os dois campos teóricos, beneficiando a ambos, sem que para isso percam sua autonomia enquanto disciplinas. Nesse sentido, a LT e a AD recorreriam a algumas categorias uma da outra para colaborar na investigação de seus respectivos objetos. A exemplo, no âmbito da LT, mais especificamente nos estudos sobre referenciação, Macedo (2018, p. 104-105) pontua que se pode tomar por empréstimo as “categorias discursivas da AD para descrever e analisar processos referenciais como estratégias argumentativas ligadas à textualidade”.

Na subseção que segue, apresentaremos as características que constituem a modalidade polêmica. São três os movimentos que se ancoram no conflituoso, que se traduz pela *dicotomização*, pela *polarização* e pela *desqualificação do outro* e que fundamentam nossa análise.

A constituição da polêmica

As três características fundamentais elencadas por Amossy (2017) auxiliam-nos a perceber a polêmica não como emaranhado de opiniões conflitantes, mas sim como tendo uma determinada ordem, uma regularidade no aparente caos.

Assim, a polêmica pode ser definida como “*um choque de opiniões antagônicas*, marcando o caráter constitutivo que desempenha nela o conflito” (AMOSSY, 2017, p. 53, grifo da autora).

A dicotomização é a característica que mais se sobressai em relação às outras, por tratar-se do choque de discursos, um se opondo extremamente ao outro, em dada cultura. A dicotomização é, portanto, uma atualização de discursos radicalmente opostos, um espaço de confronto de opiniões, uma querendo excluir a outra. Sobre isso, Macedo e Cavalcante (2019, p. 311) salientam

Enquanto, nas teorias retóricas, o desacordo é parte do circuito da argumentação, mas como uma etapa a ser superada em prol do consenso para a tomada de decisões comuns, na polêmica, ele é pujante, tornando remotas as possibilidades de se chegar a um acordo. Em sociedades democráticas pluralistas, nas quais a liberdade de expressão é tomada como princípio e é constantemente reivindicada em casos de profundas dissonâncias de opiniões, o dissenso se manifesta abertamente, deixando entrever projetos de sociedade que são inconciliáveis.

Nessa perspectiva, a finalidade do debate argumentado é direcionar os participantes para uma possível solução, um consenso, à medida que a dicotomização radicaliza o debate. Compreendemos com Maia (2019, p. 19) que

[...] essas relações de antagonismo só são identificáveis se tomarmos o contexto específico em que se desenvolvem, pois as oposições (direita/esquerda; coletivismo/individualismo; igualdade/desigualdade) não são absolutas. Ou seja, os indivíduos podem se juntar na defesa de uma causa em comum e, ao mesmo tempo, serem opositores em outra questão social; o indivíduo pode ser racista e defender a igualdade, por exemplo.

Por conseguinte, a dicotomização é o embate entre duas opções antagônicas que se excluem mutuamente.

A polarização social é a segunda característica da modalidade polêmica e consiste na divisão em grupos de sujeitos que defendem uma tese (a favor) em oposição aos que refutam essa tese (contra) frente a uma polêmica pública. Para a compreensão desta divisão, Amossy (2017) realiza uma distinção entre duas categorias abstratas, os *atores* e os *actantes*. Nesse sentido, os atores são os sujeitos empíricos que encarnam os actantes, que, por sua vez, referem-se aos sujeitos que desempenham um papel na polêmica, a exemplo, como em uma encenação teatral. “Não se trata aqui de pessoas, mas de papéis: defensor da posição proposta, opositor dessa posição, ouvinte-espectador da confrontação” (AMOSSY, 2017, p. 56).

Nas análises, torna-se perceptível essa divisão em que os actantes podem assumir, segundo Macedo (2018), o papel de *Proponente* (aquele cujo papel é defender uma das teses), o de *Oponente* (aquele cujo papel é opor-se à tese defendida pelo Proponente e defender uma contra tese) e o de *Terceiro* (a quem é dirigido esse choque de opiniões antagônicas. A ele cabe o papel de espectador, no entanto, a partir do momento em que se posiciona deixa de ser o Terceiro, para ser Proponente ou Oponente).

Essa estrutura actancial entre papéis adversários, para Amossy, “instaura uma operação de polarização, a qual se deve distinguir da dicotomização” (IBIDEM, p.56). Desse modo, enquanto a dicotomização consiste numa divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis, a polarização é um fenômeno social, que convoca o reagrupamento de um público, segundo a identidade que os interpela a se posicionar, como concordante ou como opositor. Nesse antagonismo de teses, no qual Proponente e Oponente reivindicam para si o poder de se legitimar, podemos afirmar, sim, que a polêmica é algo próprio da estrutura democrática. Pois permite aos lados polarizados expressar o que pensam, mesmo que os participantes da comunicação anseiem por convencer um ao outro, eles almejam agregar adeptos, assim a argumentação polêmica se dirige ao Terceiro, na tentativa de persuadi-lo e de levá-lo a tomar partido.

A terceira característica da polêmica proposta por Amossy (2017) é a desqualificação do outro. Ancorada de certa forma nas duas primeiras, resulta na depreciação e no rebaixamento do outro. A esse respeito, Cavalcante, Pinto e Brito (2018) salientam que pode ser feita pelo uso de expressões linguísticas de teor depreciativo em relação ao outro, podendo chegar, inclusive, à violência verbal. Consiste em uma estratégia retórica para deslegitimar o outro. O Proponente, na tentativa de trazer o Terceiro para o seu lado, vai além de defender a tese com a qual se identificou, busca a todo custo refutar a do Oponente, que é visto como um inimigo e que deve ser discursivamente combatido, pois “o descrédito lançado sobre as pessoas anula a força de seus argumentos” (AMOSSY, 2017, p. 59).

Diferentes atualizações da polêmica

Na polêmica, não existe a possibilidade do consenso, por isso ela pode ser atualizada, conforme explicita o trabalho de Maia (2019) e as discussões realizadas pelos pesquisadores que integram o Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT/UNILAB) que tem oferecido importantes contribuições para o estudo da modalidade argumentativa polêmica.

Nesse sentido, a pesquisa de Maia (2019) versa sobre a atualização da polêmica em torno da discriminação racial contra a população negra nos novos espaços de socialização, fazendo uma interface com as teorias sociológicas de autores descoloniais. A autora investiga como a discriminação racial é transferida para o meio virtual, por meio de uma análise dos *posts* de notícias divulgadas no *Facebook*, relacionadas à eleição da Miss Brasil 2017. Nessas postagens, pelo fato de uma mulher negra ter sido eleita, surgiram vários comentários racistas e preconceituosos direcionados ao gênero feminino. Para Maia (2019), este posicionamento racista se dá principalmente partindo de estereótipos vinculados à negação do ato racista, através de uma discriminação velada. Ressalta também que a discriminação racial pode ser interseccional, como constatou em alguns dos casos analisados, ou seja, a intersecção ocorre em razão da raça e também do gênero. Desta forma, no caso da mulher negra, a imposição é dupla.

Desse modo, reiteramos que, conforme foi proposto por Cavalcante (2016) e defendido por Macedo (2018), alguns critérios de análise da LT, como, por exemplo, os processos de referência

e os processos de intertextualidade, viabilizam o estudo da polêmica apresentado por Amossy, sobre o qual pontua “a dicotomização das oposições, a polarização e o descrédito lançado sobre o outro se estabelecem sobre uma série de operações languageiras que mobilizam um vasto leque de procedimentos retóricos” (AMOSSY, 2017, p. 98).

É possível verificar esse movimento nas análises das relações intertextuais empreendidas por Cavalcante, Pinto e Brito (2018), nos comentários sobre a notícia da votação que desaprovou a denúncia de corrupção passiva contra o então presidente do Brasil, Michel Temer, no ano de 2017.

Compreendidas as três características e a estrutura actancial da polêmica, na próxima subseção, falaremos mais especificamente sobre as modalidades argumentativas, categoria conceitual e operatória elaborada por Amossy (2008).

A polêmica como uma das modalidades argumentativas

A noção de modalidade argumentativa foi proposta por Amossy como sendo “tipos de troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico” (AMOSSY, 2008, p. 232). Isso significa dizer que existem distintos modos de argumentar, que foram caracterizados por Amossy e resumidos por Macedo (2018, p. 51) pelos seguintes parâmetros:

- i) os papéis desempenhados pelos participantes no dispositivo enunciativo (parceiros, adversários); ii) a maneira pela qual ocorre a tentativa de persuasão (apaixonada, racional, colaborativa, instrutiva); e iii) o modo como o interlocutor é concebido (ser de razão e/ou de sentimento, aluno ou discípulo, cúmplice ou rival etc.).

Nessa perspectiva, Amossy (2008) apresenta seis possibilidades de modalidades argumentativas sendo elas: a demonstrativa, a patêmica, a pedagógica, a de coconstrução, a negociada e a polêmica. Para Cavalcante, Pinto e Brito (2018, p. 11), a polêmica seria apenas uma das modalidades argumentativas, por isso é que nem toda situação interativa (e argumentativa) constitui uma polêmica.

Macedo (2018) contribui de modo expressivo para o estudo iniciado por Amossy (2008), detalhando com mais exemplos cada uma das modalidades, indicando os respectivos gêneros discursivos que as privilegiam:

- a) Modalidade demonstrativa: é aquela em que o locutor busca a adesão do(s) interlocutor(es) apresentando uma tese/ uma opinião, em um discurso monogerido ou dialogal, com base em raciocínio apoiado em provas. São exemplos de gêneros nos quais essa modalidade é recorrente: a redação do ENEM, [...], o debate eleitoral, etc.;
- b) Modalidade patêmica: é a modalidade caracterizada fundamentalmente pelo apelo explícito aos sentimentos do auditório para angariar sua adesão à tese ou ao ponto de vista apresentado. Estes gêneros privilegiam a modalidade patêmica: o apelo à ajuda humanitária, [...], a declaração de amor;
- c) Modalidade pedagógica: é a da transmissão de um saber por um locutor autorizado a fazê-lo a um auditório que se encontra na condição de aprendiz. O modo de manifestação dessa troca também pode ser, como nas modalidades anteriores, monogerido ou poligerido. Gêneros como o manual escolar, a aula, a palestra, [...], entre outros, são exemplos prototípicos de ocorrência dessa modalidade;
- d) Modalidade de coconstrução: é aquela em que os participantes levantam conjuntamente uma questão e, da mesma forma, buscam resolvê-la, por meio de uma interação dialogal. A reunião profissional, a reunião de colegiado, a conversação familiar são exemplos de gêneros que privilegiam essa modalidade;
- e) Modalidade negociada: é o tipo de troca em que os participantes debatem sobre um problema que os divide, mas para o qual estão dispostos a buscar e a estabelecer um acordo, por meio de uma negociação das divergências. As negociações comerciais, as trocas diplomáticas, as audiências de conciliação, entre outros, são gêneros que privilegiam a modalidade negociada;
- f) Modalidade polêmica: a última modalidade apontada por Amossy (2008) nessa lista é a caracterizada pela confrontação de teses antagônicas, em que se tenta desacreditar o opositor. Ela tornou-se objeto de investigação sistemática em uma pesquisa sobre o discurso polêmico na esfera democrática, realizada por Amossy e sua equipe, da qual derivou a obra *Apologie de la polémique* (AMOSSY, 2017). (MACEDO, 2018, p. 51-52).

Nesse ponto, vale destacar a distinção entre um texto monogerido e outro poligerido. No primeiro, o locutor tem as “rédeas”, ou seja, o locutor é o único responsável pelo gerenciamento das vozes no texto, remetendo ao interdiscurso – a isso, Amossy (2017) denomina como *discurso polêmico*. Ao passo que no texto poligerido o gerenciamento das vozes acontece livremente, ninguém tem as “rédeas”, todos se autodirigem, por isso é dialogal. A esse movimento, Amossy (2017) nomeia como *interação polêmica*.

Isto posto, para Amossy (2017), a atualização da polêmica decorre tanto pelos textos monogeridos como pelos textos poligeridos. A esse respeito, a teórica ressalta:

Como modalidade argumentativa, a polêmica é, antes de tudo, uma arte de refutação. Ela combate, de maneira radical e sem compromisso, as teses adversas, retomando, reformulando, às vezes deformando, os argumentos mais ou menos estáveis que circulam no espaço público. A indexação a um interdiscurso da atualidade e a modulação dessa fala comum constituem uma característica importante da polêmica pública (AMOSSY, 2017, p. 98).

Assim, a pesquisadora aponta a polêmica como uma modalidade do inconciliável e que, por essa razão, é fundada pelo que intitula como *retórica do dissenso*.

Outra diferenciação que cabe ser feita é sobre *questão polêmica* e *polêmica*, que compreendemos como uma lacuna nos trabalhos que versam sobre o estudo desse fenômeno discursivo. Nesse sentido, deter-nos-emos em elaborar uma explicação para essa distinção. A questão polêmica diz respeito a temas sociais que por si só despertam o confronto entre discursos antagônicos, como na polêmica, que, necessariamente, envolve um assunto de interesse público. Amossy (2017) salienta que a questão polêmica comporta anseios da sociedade em uma dada cultura. As questões polêmicas referem-se aos temas sociais mais amplos como o feminismo, o racismo, a política, dentre outros, enquanto a polêmica concerne a acontecimentos específicos e irrepetíveis, inserida em um contexto sócio histórico, disso advém seu caráter efêmero. Desse modo, acreditamos que as questões polêmicas subjazem a todas as tentativas de reacender e atualizar as polêmicas no espaço público.

Argumentação polêmica

A TAD consiste na integração da argumentação aos estudos discursivos, tomando-a como intrínseca ao funcionamento da AD. Essa articulação proposta por Ruth Amossy (2005, 2011, 2018), além de integrar questões teóricas da AD em interface com certas concepções da Retórica e da Nova Retórica, toma o princípio dialógico da linguagem, postulado por Bakhtin, é a proposição de uma concepção ampliada de argumentação. Amossy concebe a argumentação não apenas como tentativa de levar um auditório à adesão de uma tese, mas também “como a tentativa de modificar, de reorientar, ou, mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p. 130).

Essa concepção de argumentação, neste sentido expandido, poderia também equivaler ao sentido de *persuasão*, se esta distinção não tivesse sido classicamente instituída. Ser argumentativo ou persuasivo envolveria uma tentativa de elaborar diferentes tipos de estratégias por meio de recursos lexicais e avaliativos, referenciais, intertextuais, composicionais e coesivos etc., com o intuito de influenciar o interlocutor (CAVALCANTE, 2017). Por essa razão, essa noção de argumentação nos parece apropriada para o escopo teórico da LT, uma vez que é capaz de abranger os mais variados textos, não apenas aqueles que envolvem uma questão social, nem somente aqueles que retratam uma polêmica no meio democrático.

Amossy, ao propor essa teoria, não objetivava uma aproximação entre as duas vertentes, a TAD e a LT – essa iniciativa partiu de Macedo (2018), que sugeriu uma interdisciplinaridade viabilizando estabelecer relações e análises mais profícuas. Neste sentido, esta é a proposta que vem pautando os estudos da LT, especificamente pelo Grupo de Pesquisa Protexito da UFC. Assim, compreendemos como Cavalcante (2016, 2017) e Macedo (2018) que a polêmica está intrinsecamente relacionada à construção de uma argumentação, ainda que nem sempre esta esteja explicitamente arrazoada, no espaço público. Deste modo, a modalidade argumentativa polêmica se insere neste enquadre teórico “como uma espécie de categoria analítica pela qual é possível analisar o agenciamento de recursos argumentativos na dinamicidade discursiva” (CAVALCANTE; PINTO; BRITO, 2018, p. 09).

Segundo Amossy (2017), todo discurso tem uma dimensão argumentativa que tende a orientar os modos de ver, de pensar e de sentir dos interlocutores. Com base nessa “constatação, de base

enunciativa e pragmática, a autora distingue entre *visada argumentativa* e *dimensão argumentativa*, que consistem em modos de organização (ou modalidades) da argumentatividade no discurso” (MACEDO, 2018, p. 43, grifo da autora).

Todavia, em consonância com Cavalcante (2017), defendemos que a diferença entre *visada argumentativa* e *dimensão argumentativa* cabe ao nível textual, não ao discursivo, uma vez que, para a autora, assim como para nós, todo discurso é argumentativo por se contrapor a outros discursos. Portanto, quando Amossy (2011) diz que há “discursos” de visada argumentativa, em que o locutor busca persuadir seu interlocutor, apresentando-lhe uma tese, acreditamos que ela se refira a textos que se constroem em direção a uma opinião central. E, quando a teórica francesa menciona “discursos” de dimensão argumentativa, está se referindo, na verdade, a inúmeros outros textos que não se organizam em torno de uma tese com seus argumentos.

Isto posto, entendemos que todo texto, em graus diferentes, é argumentativo. Embora isso nos pareça um pressuposto novo dentro do campo teórico da LT, não é, considerando que Adam (2017) já postulava que todo texto tinha uma orientação argumentativa, do ponto de vista pragmático ou configuracional.

Por conseguinte, a comunicação dar-se-á através de textos, como afirma Cavalcante: “é na dimensão do texto que a argumentação se evidencia” (CAVALCANTE, 2016, p. 122). Quando os usuários comentam um *post* na rede social *Facebook*, também ocorre uma interação através da linguagem, segundo Macedo (2018), a relação entre texto e discurso é bidirecional e simbiótica, logo é possível analisar, através da abordagem teórico-metodológica da LT, a argumentatividade dos textos.

Ao longo do trabalho, discutimos sobre a contribuição da LT aos estudos da argumentação polêmica. A seguir, passaremos a demonstrar essa interface com as análises de dois *posts*, sendo o primeiro sobre o marco histórico alcançado pela jogadora Marta e o segundo sobre a Wendie Renard, que foi vítima de ataques preconceituosos nas redes sociais.

O lugar da LT na análise da argumentação polêmica

A LT tem como objeto, segundo Cavalcante (2016), a descrição e explicação das estratégias de textualização, isto é, de quais métodos os interlocutores se utilizam para colocar em texto os seus propósitos de acordo com as convenções das práticas discursivas e em respeito à

negociação que se dá em todas essas práticas. A princípio, esta parece uma constatação óbvia, no entanto, essa ciência, ao investigar sobre o texto, tem um viés interdisciplinar, visto que lança olhares para uma gama de fatores linguísticos.

Embora seja possível a interface entre a TAD e a LT, vale ressaltar que as duas correntes teóricas divergem quanto aos intentos investigativos. Concordamos com Cavalcante, Pinto e Brito (2018), ao pontuarem que o escopo da TAD é a análise do embate entre os discursos, das práticas discursivas que identificam formações discursivas; enquanto o propósito da LT, em que nos localizamos, é a análise de estratégias de organização textual que servem à persuasão.

Em relação a contribuição da LT, como disciplina teórico-metodológica, para uma análise argumentativa do discurso, Cavalcante (2016, p. 106-107) salienta que “esse estabelecimento de área não traduz uma reivindicação da LT como disciplina que teoriza sobre a argumentação, mas como uma disciplina que sempre, e por diferentes conduções metodológicas, incluiu a argumentação como um pressuposto inegável”. Nesse sentido, é por meio da relação entre textos que compreendemos o embate entre os discursos polêmicos. Reflitamos sobre o *post* a seguir e sobre o conjunto de comentários suscitados a partir dele.

(1)

Figura 1 – Print da publicação vinculada na página Quebrando o Tabu



Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/a.575920612464330/2635385443184493/?type=3&theater>>. Acesso em: 24/07/2019.

Para contextualizar sócio historicamente o texto, vale lembrar que a oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, que teve

início no ano de 1991, na China, em 2019, foi sediada na França. Reuniu diferentes marcos históricos tanto dentro de campo como fora dele, dentre estes o fato de que todos os jogos foram transmitidos ao vivo, pela primeira vez, por uma das principais emissoras no Brasil. Outro fato histórico, foi a marca alcançada pela jogadora Marta, que fez o décimo sétimo gol em mundiais, na partida contra a seleção italiana, o que lhe concedeu o título de maior artilheira em Copas da história, entre os homens e as mulheres.

(2)

Figura 2 – Compilado de *prints* dos comentários sobre o post



Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.575920612464330/2635385443184493/?type=3&theater>>. Acesso em: 24/07/2019.

A esse respeito, pontuamos que a notícia, sozinha, não atualiza nenhuma dicotomização de uma questão polêmica, todavia, como propôs Cavalcante (2017), é na relação intertextual, que a polêmica eclode. Assim, a notícia sobre a Marta, suscitou, no criador da imagem, esse jogo com o texto verbo-imagético, no qual lista os dez artilheiros

em Copas e intitula em caixa alta: “O MAIOR ARTILHEIRO EM COPAS... **É UMA MULHER!**”, conferindo ênfase à última parte em negrito. Diante disso, deter-nos-emos na análise dos comentários desencadeados com o *post*.

Concordamos com as reflexões dos professores integrantes do GELT (UNILAB) e do PROTEXTO (UFC) sobre a polêmica construir-se como em uma peça teatral, pois entendemos que a polêmica só se realiza no momento do posicionamento dos actantes, tal qual em um teatro, em que cada um vai assumir seus papéis sociais, dentre eles, segundo Amossy (2017), o de *Proponente*, o de *Oponente* e o de *Terceiro*.

Notemos que a característica da dicotomização somente se evidencia nos comentários com a radicalização em polos opostos, com o posicionamento de *Lopes* que se contrapõe ao de *Veríssimo*, *Pereira* e *Kammer*.

No comentário de *Veríssimo*, este se lança como proponente da questão polêmica que norteia o embate, a igualdade de gênero no futebol. *Veríssimo* utiliza-se de uma metáfora sobre o custo de reformar uma casa, para embasar sua tese de que, embora os investimentos na modalidade feminina sejam menores, ainda sim, Marta conquistou este título. O internauta elabora sua tese de que é “obrigação” da modalidade masculina demonstrar um “ótimo desempenho”, uma vez que recebe investimentos maiores. Logo em seguida, faz escolhas em busca da desqualificação do oponente, como afirmar que a seleção brasileira masculina está “há 17 anos sem vencer um Mundial”, a alusão à derrota sofrida na Copa do Mundo de Futebol Masculino, em 2014, pela semifinal contra a seleção alemã, ao mencionar o “7x1”, bem como a comparação entre os camisas 10, das duas modalidades, com traços irônicos alegando que Neymar é um “cai cai”, em alusão às constantes quedas em campo do jogador.

Pereira responde ao comentário de *Veríssimo* e assume igualmente o papel de proponente, argumentando que a masculinidade dos oponentes foi afetada pelo fato de o título de maior artilheiro ter sido alcançado por uma mulher. *Pereira*, como um interlocutor do sexo masculino, recorre ao uso das aspas para conferir ênfase ao termo “macho”, bem como demarcar que ele não tem o mesmo posicionamento. O usuário propõe uma indagação ao terceiro, ressaltando a marca atingida por Marta, “em um esporte predominantemente masculino”. Elaboro ainda um jogo de palavras, com a expressão difundida popularmente “a mulher é o sexo frágil”, para defender que “a masculinidade de

você é frágil”. Nota-se no comentário de *Kammer* que, ao propor uma indagação, um dos seus intentos é atrair os leitores que se identificam com sua tese, ou seja, é dirigido ao Terceiro.

Na sequência, *Lopes* encena o papel de oponente nos comentários, ao defender que a seleção masculina é pentacampeã, indiretamente remete ao fato de que a seleção feminina não tem este título, sua melhor colocação foi no ano de 2007, como vice-campeã. *Lopes* comenta que “cada um tem seu legado”, embora argumente ao final do seu comentário que não cabem comparações, ele se contradiz ao equiparar a Marta ao Ronaldo e ao alemão Klose, os dois maiores artilheiros na modalidade masculina. O internauta refuta os gols marcados pela jogadora, alegando que, se ela jogasse com homens, não teria tantos gols.

Os comentários que advêm de *Citó* e *Brito* respondem ao de *Lopes*, inflamando a interação polêmica. Na dissensão instaurada sobre a igualdade de gênero no futebol, *Citó* se posiciona como proponente e usa o argumento de *Lopes* para objetá-lo. Pede para que lhe digam quantas copas ganharam Neymar, Cristiano Ronaldo ou Messi, e elabora sua tese de que não é preciso ser campeão da Copa do Mundo para ser o maior artilheiro em Copas. O locutor finaliza com o uso da expressão “o choro é livre”, que tem sido cada vez utilizada em situações de discordância na *web*, com o objetivo de desmoralizar e fazer chacota do argumento apresentado pelo outro. Assim poderíamos aludir como uma estratégia de desqualificação do terceiro.

O internauta *Brito* recupera os argumentos dos oponentes ao mencionar que não compreende as críticas, defende sua tese argumentando que “o futebol feminino não tem nenhuma adaptação” em relação ao futebol masculino. Parabeniza o feito de Marta e torce para que a modalidade continue evoluindo, na medida em que, se construímos o raciocínio: o futebol feminino sofre com a falta de investimento e estrutura, logo, a partir da visibilidade concedida pelo mundial, espera-se que isso estimule os clubes a fazer com que o futebol feminino evolua.

A polarização é a característica pela qual os participantes da polêmica tentam cooptar adeptos na interação. De um lado, temos os internautas que reconhecem a conquista da jogadora Marta. De outro, temos os que refutam por ter sido uma mulher a alcançar este título.

Apesar de não constituir o escopo da nossa análise, vale notar a quantidade de pessoas que reagiram aos comentários analisados,

reações que vão desde o automático “curtir” até às novas atualizações do Facebook com o “amei”, “haha”, “grr”. Também é necessário que percebamos os comentários como textos que se relacionam a fim de que compreendamos as interações que se estabelecem como no *post* abaixo:

(3)

Figura 3 – Print da publicação vinculada na página Quebrando o Tabu

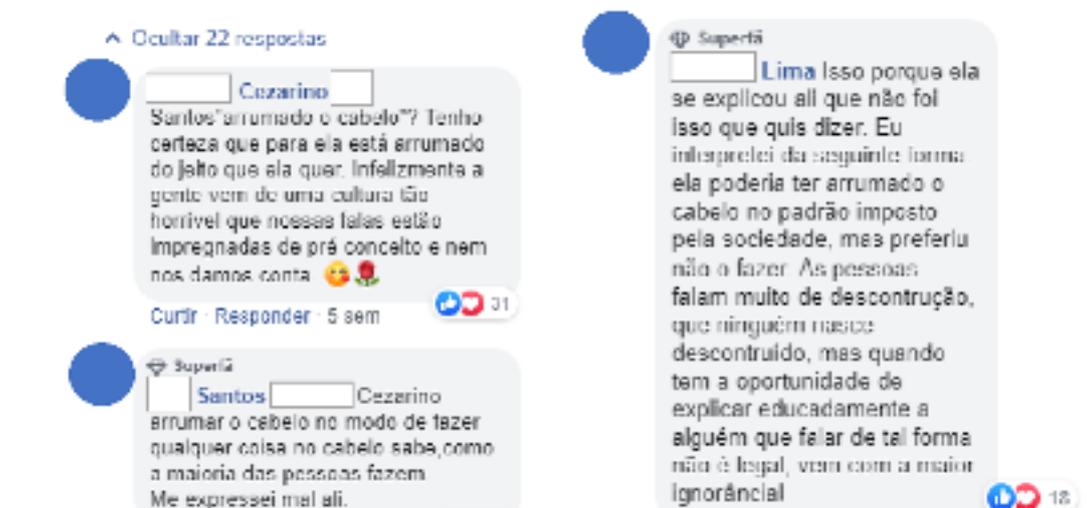


18

Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/2646482952074742/?type=3&theater>>. Acesso em: 31/07/2019.

O segundo *post* selecionado para a análise, dentre as polêmicas que emergiram durante a competição, diz respeito aos ataques à zagueira da seleção francesa Wendie Renard, alvo de comentários com ofensas preconceituosas ao seu cabelo, nas redes sociais, disparados por brasileiros, após a partida que resultou na eliminação da seleção brasileira. O *post* na página *Quebrando o Tabu* consiste em uma repostagem do texto da filósofa Djamila Ribeiro feita no seu perfil no *Instagram*, depois dos ataques racistas. Eis os comentários disparados com o *post*:

(4)
Figura 4 – Copilado de *prints* dos comentários sobre o post



Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/2646482952074742/?type=3&theater>>. Acesso em: 31/07/2019.

O comentário de Santos acende a interação polêmica, pois, a partir da sua colocação, foram publicadas 22 respostas. Seleccionamos algumas dessas para analisar. Santos encarna o papel de proponente ao elogiar a história da Wendie, atribuir-lhe o adjetivo de “guerreira”, além de mencionar que a jogadora tem sua admiração, todavia Cezarino interpreta o comentário de Santos como se esta estivesse assumindo o papel de oponente. Devido ao fato de, na construção da sua tese, ter usado a expressão “arrumado o cabelo”, todas as respostas que seguem constroem-se sobre a escolha feita por Santos pela utilização deste termo.

Para Cezarino, o fato de Santos ter empregado este termo remete a uma atitude preconceituosa, embora Santos afirme que esta não foi sua intenção, ao passo que volta a comentar para esclarecer demarcando ao teclar “me expressei mal ali”. No entanto, Cezarino replica que Santos pode não ter dito com esse intuito, mas para a locutora sou como preconceituoso. Conclui seu comentário alegando que “Infelizmente a gente vem de uma cultura tão horrível que nossas falas estão impregnadas de pré-conceito e nem nos damos conta”.

Diante das respostas que seu comentário gerou, Santos pontua “Parece que o povo não aprendeu a fazer interpretação de texto”, a internauta advoga em favor da tese de que os demais comentaristas não a interpretaram corretamente. Na sequência, Verediano lança-se na defesa de Santos, afirmando que esta foi “humilde no seu texto, mas o povo quer arrumar treta aff”. Verediano emprega “treta” no sentido

de confusão e finaliza com um “aff”, expressão contemporânea que admite diferentes interpretações, a depender do contexto empregado. Neste, o locutor empregou para expressar descontentamento.

Lima, assim como *Verediano*, sai em apoio a *Santos*, assim os actantes se polarizaram em torno do comentário de *Santos*. A questão polêmica que norteia a interação é o racismo sofrido pela jogadora Wendie, que, segundo Maia (2019), esta seria uma discriminação racial velada e interseccional, uma vez que se trata da discriminação por raça e por gênero.

Notamos que a intertextualidade está presente no *post*, uma vez que a relação se estabelece entre os comentários e o *post*, inclusive nos comentários entre si, que resultam nessa interação polêmica. Em seu comentário, *Lima* salienta que *Santos* concedeu explicações nos comentários posteriores ao que provocou a dissensão, assim, deixa implícito que aquela polarização de posicionamentos antagônicos deveria findar.

Por fim, apresenta sua interpretação sobre o comentário de *Santos*, bem como ressalta a desconstrução, “que ninguém nasce desconstruído”, para embasar sua desqualificação do oponente ao implicitamente chamá-lo de mal-educado e ignorante.

Desse modo, Amossy (2017) salienta que a polêmica é efêmera, porque é logo esquecida. Por isso, a necessidade da contextualização da notícia, a polêmica eclode, tem o engajamento dos atores sociais em cena que corroboram para sua atualização, no entanto, aquela questão polêmica específica é posta de lado quando as interações cessam e uma outra acontece.

Considerações finais

Com base nas análises das ocorrências de argumentação polêmica marcadas textualmente, pudemos constatar que elas contribuem para a interação polêmica, à medida que determinadas escolhas realizadas pelos interlocutores servem aos propósitos de provocar o oponente, convidá-lo para o embate que acontece frente ao terceiro.

Ademais, os atores sociais na interação, que é constitutiva da polêmica, são construídos a partir dos diferentes posicionamentos, bem como são motivados a adotar um partido, ou ainda ser um espectador da dissensão, encenando o papel de terceiro.

Desse modo, as redes sociais, no caso específico, o *Facebook*, constituem um ambiente profícuo para esse fim investigativo. Uma vez que permite a participação de uma quantidade expressiva de atores sociais, antes impensável.

Percebemos que os comentários tendem a ser estratégias de persuasão, mobilizadas por meio de recursos textuais. Nesse sentido, não existem textos nem discursos fora do campo argumentativo, mas sim modos distintos de manifestar a argumentatividade nos textos.

A polêmica, sendo um fenômeno discursivo, e principalmente textual, recorrente no meio democrático, tem por função garantir uma “coexistência no dissenso” nas sociedades. De tal modo, a polêmica admite que, mesmo havendo a polarização como foi verificado nos comentários, os cidadãos continuem a viver juntos sem apelar à violência física, gerindo o desacordo pela interação verbal.

À guisa de conclusão, porque ao finalizar uma pesquisa paradoxalmente não findamos com as investigações (aquele clichê “o trabalho de um(a) professor(a) nunca acaba”, realmente não termina), abrimos caminhos para novas pesquisas, seja para contestar nossas considerações, seja para propor um novo método ou ainda trabalhar sobre uma possível lacuna para a qual ainda não atentamos.

Referências

ADAM, J.M.. **Les Textes: types et prototypes**. Paris: Armand Colin, 2017.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. de Mônica Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Gláucia; MACHADO, Ida; EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial, vol. 14, n. 12, p. 106-124, 2016.

CAVALCANTE, M. M. Estratégias de persuasão: a contribuição da Linguística Textual para o ensino e para a pesquisa. In: **Conferência apresentada por ocasião do X Congresso Internacional da Abralin**. Nitéroj, 2017.

CAVALCANTE, M.M; PINTO, R.; BRITO, M.A.P. Polêmica e argumentação: interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. **Diacrítica Argumentação e Discurso**, n. 32, p. 5-24, 2018.

MAIA, B.R.S. **A atualização da polêmica racial nas postagens dos novos espaços virtuais de socialização**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

MACEDO, P. S. A. de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual.** 243 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MACEDO, P. S. A. de; CAVALCANTE, M. M. Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 303-320, 2019.